

SONETOS - MANUEL MARIA BARBOSA DU BOCAGE

Ó tranças, de que Amor prisão me tece

Ó tranças, de que Amor prisão me tece,
Ó mãos de neve, que regeis meu fado!
Ó Tesouro! Ó mistério! Ó par sagrado,
Onde o menino alígero adormece!

Ó ledos olhos, cuja luz parece
Tênuo raio do sol! Ó gesto amado,
De rosas e açucenas semeado
Por quem morrera esta alma, se pudesse!

Ó lábios, cujo riso a paz me tira,
E por cujos dulcíssimos favores
Talvez o próprio Júpiter suspira!

Ó perfeições! Ó dons encantadores!
De quem sois?... Sois de Vênus? -
É mentira; Sois de Marília, sois de meus amores.

Nesse soneto de Bocage, podemos encontrar a presença da natureza, caracterizando o bucolismo, existente na poesia “árcade”, onde se busca o belo, o simples e o singelo, no chamado “locus amoenus”. Isso pode ser comprovado pelo fragmento do texto “(...) Tênuo raio do sol! Ó gesto amado, / De rosas e açucenas semeado (...)”. Essa singeleza também é representada por termos que demonstram ternura, como “(...) E por cujos dulcíssimos favores (...)”.

A mitologia marca profundamente a poesia árcade, que recorre à antiguidade clássica e à sua beleza. Bocage, nessa sua fase, também se utiliza desse recurso, utilizando-

se da forma clássica dos sonetos e das figuras mitológicas, o que podemos observar em sua obra: “(...) Onde o menino alígero (que pode ser entendido como o cupido ligeiro) adormece (...) Talvez o próprio Júpiter suspira! (...) De quem sois?... Sois de Vênus? (...)”.

No Arcadismo, a universalidade é essencial, pois garante a beleza que tanto se tenta demonstrar e isso fica evidente quando se fala de sentimentos, como o amor, de uma maneira muito abrangente: “(...) Ó tranças, de que Amor prisão me tece, (...)”. Junto com isso, o culto à sensibilidade tem como objetivo mostrar o sublime, onde os sentimentos se baseiam no bom senso e no bom gosto, como podemos ver nos versos “(...) Por quem morrera esta alma, se pudesse! / Ó lábios, cujo riso a paz me tira, (...)”.

Como os artistas desse período idealizavam sua vida, imaginando-se pastores no campo, é muito frequente o uso de pseudônimos para eles e para seus amores, que reforçam esse fingimento. Bocage, em seu poema, chama a sua amada de Marília: “(...) É mentira; Sois de Marília, sois de meus amores. (...)”.

É interessante perceber nesse soneto, a sublimação da beleza da mulher amada, comparada à própria Vênus, em seu terceto final: “(...) Ó perfeições! Ó dons encantadores! / De quem sois?... Sois de Vênus? / É mentira; Sois de Marília, sois de meus amores. (...)”.

Oh retrato da Morte, oh Noite amiga

Oh retrato da morte, oh Noite amiga
Por cuja escuridão suspiro há tanto!
Calada testemunha de meu pranto,
De meus desgostos secretária antiga!

Pois manda Amor, que a ti somente os diga,
Dá-lhes pio agasalho no teu manto;
Ouve-os, como costumás, ouve, enquanto
Dorme a cruel, que a delirar me obriga:

E vós, oh cortesãos da escuridade,

Fantasmas vagos, mochos piadores,
Inimigos, com eu, da claridade!

Em bandos acudi aos meus clamores;
Quero a vossa medonha sociedade,
Quero fartar meu coração de horrores.

Depois da fase *árcade*, que marcou o início de sua carreira, Bocage expressou um arrependimento pelo uso do fingimento e passou a denunciar a imoralidade e a hipocrisia através de obras satíricas, até chegar a uma etapa em que apresentava características do “*pré-romantismo*”, na qual se colocava como vítima do mundo e utilizava temas como sofrimento e morte.

Esse soneto apresenta tais características e o “*locus horrendus*” (lugar horroroso) se faz presente, com elementos da natureza que levam a um sentimento de tristeza e medo, como no fragmento do poema “(...) Fantasmas vagos, mochos piadores (...)”. O culto à noite e à escuridão deixa de lado o conhecimento e a razão, expressando os impulsos profundos e obscuros dos mistérios da alma: “(...) oh Noite amiga (...) / Por cuja escuridão suspiro há tanto! (...)”.

Podemos observar que é mantida a estrutura do soneto, ainda numa retomada da beleza clássica e, o universalismo, através da abrangência dos sentimentos, garante uma sublimação: “(...) Oh retrato da Morte (...) Pois manda Amor, que a ti somente os diga, (...)”. Nesse último verso podemos também entender que o autor recorre à mitologia, sendo que, para isso, devemos considerar que o Amor expresso no texto é o próprio Cupido.

Nessa fase de Bocage, é possível encontrar um sentimento de angústia, como em “(...) Por cuja escuridão suspiro há tanto (...) Em bandos acudi os meus clamores; (...)”, que no poema leva o eu-lírico ao delírio, enquanto a amada dorme, “(...) Dorme a cruel, que a delirar me obriga: (...)” e por fim, conduz a uma fuga horrível em que há muita tristeza e condenação: “(...) acudi os meus clamores; / Quero a vossa medonha sociedade, / Quero fartar meu coração de horrores.”

Vitor Fernandes / Regiele Valentim